

RESENHA 2

PAULO NAKATANI E A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA NA PERIFERIA DO CAPITALISMO.

Pedro Rozales Dominczak, Aline Faé Stocco e André Moulin Dardengo (orgs.). São Paulo: Expressão Popular, 2024, 172 p.

Recebido em 03/10/2025

Aprovado em 22/01/2026

DOI: 10.69585/2595-6892.2026.1340

THIAGO JOSÉ N. R. DOS SANTOS

Professor dos departamentos
de Administração, Ciências
Contábeis e Ciências
Econômicas do Ibmec - RJ;
Doutor em Economia pela UFF.

Email: thiago.nogueira_87@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7130-2661>

WALLAS GOMES DE MATOS

Doutor em Economia pela
UFF; membro do Grupo de
Estudos em Desenvolvimento
Econômico Brasileiro (Gedeb) da
Universidade Federal do Vale do
Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Email: wallasgomes@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4825-1258>

Paulo Nakatani e a crítica da economia política na periferia do capitalismo é um livro grandioso. Essa qualificação se deve à estatura intelectual do professor Paulo Nakatani, tema do livro em sua homenagem, publicado em 2024, ano de sua aposentadoria compulsória da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). No livro, um conjunto de professores apresenta as diversas e relevantes contribuições de Paulo Nakatani ao longo de cinco décadas dedicadas à docência, incluindo suas atividades de pesquisa e extensão universitária. Paralelamente, os autores relatam as contribuições a partir de nuances de intimidade, revelando traços pessoais de grandeza de um professor reconhecidamente discreto. Dessa maneira, o livro permite ao leitor aproximar-se de um dos maiores críticos da economia política de nosso tempo.

É como crítico do capitalismo contemporâneo que Julio Gambina apresenta Paulo Nakatani no prefácio do livro. Gambina destaca que, durante o capitalismo contemporâneo, intensificou-se a ofensiva do capital, tanto no plano teórico quanto no político. Em resposta à ofensiva do capital, que se desdobra desde então, sobretudo na América Latina, Gambina reforça a necessidade de uma ofensiva popular permanente, capaz de enfrentar as múltiplas formas de dominação capitalista. Nesse sentido, o capitalismo contemporâneo apresenta-se como um fenômeno complexo. Se a ofensiva popular deve ter como objetivo a transformação da realidade, emerge, na análise de Gambina, uma questão implícita: *como compreender adequadamente o capitalismo contemporâneo?*

É a partir dessa indagação que Gambina exalta Paulo Nakatani por ter trilhado um caminho teórico, em seus estudos, voltado à compreensão do capitalismo contemporâneo a partir da teoria de Karl Marx. Entre as principais contribuições teóricas de Paulo Nakatani, Gambina destaca o desenvolvimento da categoria do capital fictício, objeto de estudo conjunto com seu companheiro intelectual e de lutas o professor Reinaldo Carcanholo, falecido em 2013. A parceria resultou em uma elaboração teórica original, que se tornou referência crítica para a análise das transformações recentes do capitalismo.

Segundo esses autores, o capital fictício é uma forma autonomizada do capital. Contudo, diferentemente de outros capitais autonomizados, ele não desempenha qualquer função vinculada à criação de valor, como ocorre com o capital produtivo. O capital fictício se apropria de valor e de mais-valor produzidos, mas não possui função direta na produção de valor. Carcanholo e Nakatani (1999) elaboraram uma interpretação na qual classificam o capital fictício como capital especulativo parasitário. O caráter parasitário decorre do fato de ele não possuir uma função interna à lógica do capital industrial, embora obtenha rendimentos provenientes dele. O capital fictício pode, assim, tornar-se capital especulativo parasitário quando ultrapassa, em volume, os limites impostos pela reprodução do capital.

Após o prefácio de Julio Gambina, Helder Gomes e Naara de Lima Campos assinam o primeiro texto do livro, intitulado “O filho professor do senhor Eizo”. Nesse texto, os autores se propõem a narrar a trajetória de vida de Paulo Nakatani, desde a história de seu pai, o senhor Eizo, nascido no Japão, até as atividades mais recentes do professor. Para tanto, articulam uma análise factual com elementos subjetivos e interpretativos, mobilizando memórias e relatos pessoais de pessoas próximas a Paulo Nakatani.

No primeiro texto do livro, podem-se identificar duas interpretações não excludentes acerca de seu conteúdo. A primeira consiste em apresentar ao leitor a vida de Paulo Nakatani, permitindo o conhecimento de sua trajetória pessoal. Entre os diversos aspectos abordados, destaca-se o fato

de que a história de vida de Paulo Nakatani e de sua família encontra-se entrelaçada com a história econômica e social brasileira desde o primeiro governo Vargas. Sua família imigrou do Japão para o Brasil por volta de 1930, estabelecendo-se inicialmente em São Paulo, onde passou a trabalhar nas fazendas de café. O árduo trabalho na lavoura marcou sucessivas ondas migratórias, que conduziram a família até o Paraná, local onde Paulo Nakatani nasceu. Essa reconstrução biográfica evidencia como a formação social de Paulo Nakatani está inscrita em processos históricos mais amplos do desenvolvimento capitalista brasileiro.

A segunda interpretação possível do texto, por Helder Gomes e Naara de Lima Campos, consiste em homenagem explícita a Paulo Nakatani, por meio do resgate de diversas lembranças associadas à sua trajetória. Os autores demonstram conhecer o desejo do próprio Paulo Nakatani de revisitar seu percurso de vida, retomando memórias desde suas experiências mais remotas. Nesse sentido, o texto atende ao anseio do homenageado.

Na sequência dos capítulos, no texto com título “Contribuições para a crítica da economia política: aportes de Paulo Nakatani”, de autoria do professor Marcelo Carcanholo, o leitor é convidado a conhecer o mestre como intelectual que articula engajamento político e rigor na produção teórica. Trata-se de capítulo que evidencia um traço presente em todo o livro: a impossibilidade de dissociar a produção teórica da atividade política de Paulo Nakatani ao longo de sua trajetória, cujo eixo central foi a busca pela construção de cursos de graduação e pós-graduação pautados no acesso à pluralidade de pensamento e na centralidade da crítica, nos termos marxistas, como elemento norteador do ensino e da pesquisa.

Para Marcelo Carcanholo, Nakatani é um crítico da economia política guiado pela teoria do valor e pelo exame direto da obra de Marx. É nesses termos que se delineia sua trajetória política e acadêmica como professor e pesquisador, o que lhe permitiu oferecer contribuições relevantes para uma compreensão mais aprofundada do capitalismo.

A busca por compreender o capitalismo esbarra no desafio de apreender os fundamentos da crise, o que se torna o ponto de partida da análise e não escapou do cerco analítico de Nakatani. O capítulo prossegue na exposição da compreensão da crise, a partir de Nakatani, como desdobramento das contradições internas do capital, cuja expressão se manifesta de múltiplas formas ao longo do tempo. No capitalismo contemporâneo, contudo, a principal forma de manifestação da crise é identificada na crescente financeirização da economia. Dessa forma, torna-se necessário apreender a essência da financeirização e buscar os determinantes desse fenômeno na própria lógica do capital.

É no bojo desse esforço que, conforme aponta Carcanholo, Nakatani e a Escola de Vitória identificam o papel central do capital fictício na análise da financeirização e avançam ao descortinar a forma específica de apropriação desse capital – os lucros fictícios – possibilitando uma compreensão mais precisa do capitalismo contemporâneo. Em síntese, Carcanholo demonstra que Nakatani interpreta a crise do capitalismo contemporâneo a partir de uma crítica da economia política da financeirização, um dos pilares fundamentais da conhecida Escola de Vitória. Esse esforço analítico constitui uma contribuição substantiva para a apreensão crítica da etapa atual do capitalismo, evidenciando o compromisso de Nakatani com o rigor teórico e a criatividade intelectual.

Na sequência dos textos, ainda no âmbito dos temas fundamentais para os estudos sobre a financeirização, Henrique Braga e Gustavo Mello retomam os trabalhos de Paulo Nakatani acerca do dinheiro e do sistema de crédito no capítulo intitulado “A crítica da economia política do dinheiro e do sistema de crédito na obra de Paulo Nakatani”. O texto aborda três grandes temas investigados por Nakatani, a saber: a dolarização de economias periféricas, a dívida pública e as criptomoedas. Trata-se de uma discussão que apreende o movimento das categorias no desenvolvimento histórico das economias periféricas, o qual será brevemente exposto nos parágrafos seguintes.

Os autores assinalam que, no contexto da crise da década de 1980 – que lançou a América Latina em um período de estagnação econômica e espiral inflacionária –, Nakatani passa a dedicar-se à análise da dolarização das economias latino-americanas, com especial atenção ao caso da economia cubana. A preocupação de Nakatani consistia em demonstrar a possibilidade de um país enfrentar a crise sem recorrer a ajustes econômicos cujos custos recaíssem predominantemente sobre a classe trabalhadora. Tal inquietação teórica, aliada à sua acuidade analítica, conduz o autor ao estudo do caso cubano, entendido como uma experiência singular no âmbito da periferia do capitalismo, marcada pela resistência às imposições liberais que caracterizaram as décadas de 1980 e 1990. Conforme evidenciam Braga e Mello, os estudos de Nakatani indicam que Cuba se inseriu no processo de dolarização sem abdicar das conquistas sociais oriundas da revolução de 1959. Nesse sentido, o país adotou uma política de atração de dólares preservando direitos sociais e sem promover uma abertura irrestrita ao capital externo – movimento oposto ao observado na maioria dos países latino-americanos, que submeteram suas populações à miséria como estratégia de atração de moeda forte. Assim, Nakatani pôde, por meio de um caso concreto, apresentar possibilidades de formulação de uma política econômica alternativa ao neoliberalismo em países periféricos, mesmo em momentos de crise e de pressão externa.

No que se refere à dívida pública, Braga e Mello mostram que Nakatani, ao estudar a resolução do impasse entre crise da dívida e restrição externa nos países latino-americanos – em especial no caso brasileiro – identifica a transformação da dívida externa em títulos negociáveis em moeda nacional. Esses títulos, ao serem renegociados no mercado secundário, passam a originar capital fictício desprovido de lastro na produção. Com isso, a dívida pública torna-se central na sustentação do capital fictício, e a política macroeconômica subordina-se à lógica de remuneração desses títulos, impactando negativamente os direitos sociais e o processo de industrialização. Assim, Nakatani revela a estratégia predominante na região, que consiste em fazer da dívida pública o sustentáculo dos ganhos financeiros e

do sistema de crédito, como forma de atrair capitais estrangeiros por meio da abertura da conta de capitais, resultando em desindustrialização e na expansão do setor agropecuário e extrativo mineral.

O capítulo avança ao apontar que, nas análises mais recentes sobre os temas do dinheiro, Nakatani identifica a tentativa, por parte do próprio mercado, de criar sua própria moeda. É nesse contexto que emergem as criptomoe-das, concebidas com o objetivo de funcionar como moeda e de constituir um sistema de pagamentos descentralizado, alheio ao Estado e livre da mediação da autoridade monetária. Para compreender esse novo fenômeno do capitalismo contemporâneo, os autores destacam que Nakatani retoma Marx na análise do dinheiro e do dinheiro de crédito, o que o conduz à constatação de que a elevada volatilidade dos preços das criptomoe-das as impede de exercer plenamente as funções do dinheiro. Portanto, Nakatani destaca-se como um incontornável autor sobre as questões monetárias e fictícias na periferia capitalista.

Adriano Teixeira e Mauricio Sabadini, no texto “Dinheiro e capital fictícios”, tratam dos aportes de Paulo Nakatani sobre outros aspectos da financeirização. Para tanto, argumentam os autores, Nakatani retoma Marx na análise da autonomização das formas funcionais do capital, posicionando o capital fictício como eixo central da dinâmica especulativa do capitalismo contemporâneo – processo intensificado pelas políticas neoliberais de abertura e desregulamentação financeira e comercial. A partir desse entendimento construído por Paulo Nakatani e Reinaldo Carcanholo acerca da particularidade e do movimento do capital fictício, desdobra-se o desenvolvimento da categoria de lucro fictício, posteriormente apresentada por Reinaldo Carcanholo e Maurício Sabadini.

Em termos mais precisos, o lucro fictício é a forma de remuneração do capital fictício que busca se valorizar sem passar pela mediação do trabalho. Nesse ponto, a análise exige a distinção entre o plano individual e o plano global. No âmbito individual, a realização ou venda de ativos financeiros possibilita o acesso a ganhos ou lucros, ainda que estes não tenham origem

em uma base real de valorização. Contudo, no plano global, tal valorização é apenas especulativa: trata-se da valorização dos títulos em seu próprio mercado, desprovida de mais-valia, decorrente de movimentos especulativos que conferem existência aos lucros fictícios. Nesse sentido, os lucros fictícios são reais na perspectiva individual, mas constituem uma ficção que intensifica as contradições do capital em escala global.

Teixeira e Sabadini prosseguem apresentando os desdobramentos da análise de Nakatani acerca de outra mercadoria que também assume caráter fictício: o dinheiro. Os autores apontam que, para Nakatani, à medida que o sistema de crédito se desenvolve, o dinheiro em circulação passa a apresentar duas características centrais. Por um lado, é emitido como dívida estatal; por outro, assume a forma de registros contábeis de crédito em contas bancárias. Nessas condições, o dinheiro deixa de funcionar apenas como meio de circulação e passa a operar como capital em circulação, sendo renegociado em mercados secundários. Assim, o dinheiro em circulação converte-se efetivamente em capital: funciona como um título ou crédito público ou privado, que pode ser negociado no presente com base em expectativas futuras de valorização ou desvalorização. Desse modo, o moderno sistema de crédito substitui o dinheiro por capital e impõe a proeminência da dimensão financeira e do capital como eixo central do atual modo de produção.

No capítulo seguinte, Pedro Dominczak e Rafael Justo, no texto “Os desafios para a compreensão do Estado capitalista e as lições do professor Paulo Nakatani”, mostram que o homenageado também dedicou parte de sua trajetória à investigação do Estado no capitalismo.

Nessa temática, Nakatani publicou trabalhos e construiu disciplinas, inclusive na Escola Nacional Florestan Fernandes do MST (Enff). No que tange às disciplinas sobre o Estado, chama a atenção dos autores, que foram discentes delas em momentos distintos, a discussão de uma bibliografia para além dos textos de Marx, Lênin e Gramsci. Nakatani incorpora autores como Ernest Mandel, Louis Althusser, Nicos Poulantzas, Pierre Salama,

Rémy Herrera, entre outros. O objetivo de Paulo era ir além do comumente estudado, sem abandonar a herança metodológica de Marx.

Dominczak e Justo ponderam que o caminho teórico abordado por Nakatani o levou a se distinguir de duas tendências de forte influência nas teorias acerca do Estado. A primeira, comum na esquerda, considera o Estado apenas como uma ferramenta da burguesia. Já a segunda, reivindicada pelos liberais, concebe o Estado como um ente acima das contradições sociais e até mesmo em disputa/oposição ao mercado. Desse modo, é diante de duas tendências simplistas que Nakatani absorve de maneira crítica a teoria da derivação que apresenta uma visão mais complexa sobre o Estado, segundo a qual o Estado é derivado/deduzido do capital. Trata-se de um debate sobre a relação entre Estado e o capital que busca no concreto e nas contradições do capital uma melhor apreensão do papel do Estado no capitalismo.

As inquietações do professor Nakatani culminaram em um trabalho publicado em 1987 que sintetizou e trouxe o debate derivacionista para o Brasil. Essa linha de pesquisa se mantém ao longo dos anos repercutindo em teses e livros, além da renovação do arcabouço teórico empreendido por Nakatani.

Toda essa dedicação a um tema tão importante coloca o Estado em um novo lugar conceitual. Conforme os autores, Nakatani demonstra que o Estado não está acima nem em contradição com o mercado capitalista; ele é parte das relações sociais de produção e tem como função resolver os conflitos e contradições sociais, mesmo que seja pela violência e repressão. Como se vê, o pioneirismo e a perspicácia são marcas da trajetória intelectual do professor Paulo Nakatani.

Em “A economia brasileira em perspectiva: o estudo da conjuntura econômica”, o objetivo é destacar os estudos de Paulo Nakatani sobre a economia brasileira, tendo como centro de análise sua participação no Grupo de Estudos e Pesquisa em Conjuntura da Ufes. Para atingir esse objetivo, Neide Vargas e Daniel Pereira Sampaio utilizam, principalmente, os *Boletins de*

Conjuntura elaborados pelo Grupo e o memorial de Paulo Nakatani para o cargo de professor titular na Ufes.

Nesse texto, os autores discutem dois aspectos centrais. O primeiro refere-se à liderança de Paulo Nakatani no Grupo de Estudos, no qual participou das duas primeiras fases de sua existência; o segundo aborda a relevância de um grupo de conjuntura dedicado à análise da economia brasileira.

No que se refere à liderança de Paulo Nakatani à frente do Grupo de Estudos, os autores destacam que, na primeira fase do Grupo, Paulo Nakatani e o professor Fabrício Augusto de Oliveira organizaram sua criação em 1997, bem como a elaboração dos “Boletins de Conjuntura”. Cabia-lhes a coordenação junto aos estudantes de graduação e pós-graduação, além das tarefas de revisão de textos e dos esclarecimentos de dúvidas relativas a aspectos teóricos e estatísticos. Ademais, Paulo Nakatani era responsável por todo o trabalho editorial, bem como pela impressão e pela distribuição periódica dos boletins. O fim da primeira fase é marcado pela mudança brusca do programa de pós-graduação em Economia para uma linha teórica ortodoxa, o que, entre outros aspectos, resultou na desvinculação do “Boletim de Conjuntura” desse programa de pós-graduação.

O segundo aspecto abordado por Neide Vargas e Daniel Pereira Sampaio refere-se à relevância de um grupo de conjuntura voltado à análise da economia brasileira. Partindo de uma questão central – como analisar a conjuntura? – os autores apresentam o Grupo de Conjuntura da Ufes como um caso bem-sucedido, no qual uma análise crítica e rigorosa se revela fundamental para a compreensão da realidade brasileira. Por essas razões, o balanço geral do Grupo de Conjuntura é considerado extremamente positivo, reforçando, segundo os autores, a importância da atuação de Paulo Nakatani para esse êxito.

Em “Capitalismo, Estado e Políticas Sociais”, Rosa Maria Marques aborda de forma sistemática o tema das políticas sociais. A autora, amiga e companheira de pesquisas e de lutas de Paulo Nakatani, desenvolve seu texto a partir de uma teorização de caráter coletivo, resultante de encontros

científicos, debates em grupos de pesquisas e reflexões compartilhadas com Paulo Nakatani.

Com base em um embasamento teórico robusto, Rosa Marques analisa como a proteção social se insere na dinâmica do capitalismo. Nesse contexto, a autora discute a transição de um período histórico do capitalismo em que a proteção social ocupava posição central para outro no qual a centralidade passa a ser do capital, desencadeando processos que resultam na destruição do social ou no esvaziamento do social.

No período do pós-Segunda Guerra Mundial, durante o qual o capitalismo atravessou a chamada Era Gloriosa e se consolidou o Estado de Bem-estar Social, a proteção social situava-se no centro das políticas dos países capitalistas. Nesse contexto, Rosa Marques destaca que o próprio conceito de proteção social foi ampliado, passando a abranger, por exemplo, os cuidados com a habitação, a infância e adolescência.

Entretanto, a autora argumenta que, a partir dos anos 1980, o capital, passando a ocupar o centro da dinâmica econômica e social, impõe à proteção social a condição de espaço de valorização. Nesse momento, consolida-se o domínio do capital portador de juros – capital autonomizado em relação à propriedade e à função produtiva –, no qual a simples posse do capital legitima o recebimento de juros e a preservação do valor principal. Torna-se, assim, funcional ao capital a transformação dos sistemas públicos de proteção social em fundos de pensão e planos de saúde sob a dominância do capital portador de juros, uma vez que esses mecanismos criam mercados para a alocação do capital em busca de rendimentos financeiros. A proteção social deixa, portanto, de cumprir prioritariamente sua função e passa a integrar o circuito ampliado da valorização do capital.

Ainda que esse processo de transformação esteja em curso, no diálogo de Rosa Marques e Paulo Nakatani, os autores trabalham com a hipótese de que o grau de organização dos trabalhadores foi decisivo no período de centralidade do social e permanece de extrema importância no contexto atual de centralidade do capital.

O fenômeno da ascensão chinesa nas últimas décadas, como observam Rogério Faleiros e Renata Moreira no texto “Paulo Nakatani: construindo e compartilhando saberes sobre a China e o socialismo”, também é abordado por Paulo Nakatani.

Os autores trazem os momentos fundamentais que levaram Nakatani a se dedicar à compreensão do processo chinês. Evidentemente, o crescimento acelerado observado nas últimas décadas em uma economia inserida em condições adversas constitui um fator de atração comum àqueles que se dedicam ao tema, e não foi diferente no caso de Paulo Nakatani. Contudo, seu envolvimento inicial com essa temática ocorreu a partir de sua participação no Fórum Mundial de Alternativas. Nesse espaço, Nakatani assumiu o desafio proposto por colegas chineses de liderar uma equipe brasileira com o objetivo de contribuir para as pesquisas no eixo 7 do Fórum, intitulado “Emerging Countries”, bem como de participar do 1st South South Forum on Sustainability e da fundação da Global University for Sustainability, iniciativa que reuniu intelectuais de diferentes regiões do mundo com o propósito de formular alternativas ao capitalismo.

Nakatani retorna desse Fórum e estrutura um grupo de pesquisa para levar adiante o desafio. Na primeira etapa desse projeto são compiladas diversas informações sobre a economia brasileira para compor um painel comparativo entre países emergentes, a saber: Brasil, China, África do Sul, Venezuela, Indonésia, Índia e Turquia. Esse esforço de pesquisa culmina em um livro publicado em mandarim e em um capítulo de livro publicado em inglês e mandarim, além de permitir a consolidação do grupo de pesquisa em Estudos Críticos do Desenvolvimento. O grupo de pesquisa possibilita a realização de diversas visitas técnicas à China e a construção de parcerias entre a Ufes e universidades chinesas. Como se observa, Nakatani mais uma vez esteve à frente de uma empreitada muito frutífera, guiado por sua curiosidade intelectual e exímia dedicação.

A curiosidade e o desafio posto pelos colegas chineses se desdobraram em grupo de estudos, teses, livros e parcerias com pesquisadores da China. Tal

iniciativa pôde tratar de inúmeros temas, como: reforma agrária, política social, expansão internacional, processo decisório do Partido Comunista Chinês etc., e evidentemente fomentou um debate sobre o socialismo na China que perpassa todos os temas.

O debate sobre socialismo e transição socialista também é objeto de estudo tendo como base a experiência cubana. Aline Pandolfi, André Dardengo e Aline Stocco tratam das contribuições de Nakatani para a compreensão desse processo no contexto latino-americano no capítulo “As contribuições sobre a revolução socialista a partir da Revolução Cubana”.

Os autores apresentam a trajetória pessoal e intelectual de Nakatani nesse tema, cujo início remonta à sua participação, ao lado de Marcelo Carcanholo, em um congresso realizado em Havana em 2001. Esse encontro resultou nos primeiros escritos e publicações de Nakatani sobre o processo revolucionário cubano. Em 2002, durante seu estágio pós-doutoral em Paris, o autor aprofundou esse percurso ao estabelecer contato com pesquisadores cubanos, com os quais desenvolveu reflexões mais sistemáticas sobre a experiência socialista da ilha. Contudo, foi somente com a ascensão de governos progressistas na América Latina – contexto que possibilitou o fortalecimento de espaços de integração científica entre intelectuais de esquerda comprometidos com a reflexão crítica sobre a região – que Nakatani pôde avançar de forma mais consistente nessa agenda de pesquisa.

Um desses espaços foram os debates promovidos pelo Banco Central da Venezuela, nos quais o professor Paulo Nakatani conheceu a professora Olga Pérez Soto, da Universidade de Havana. Dessa aproximação resultou, em 2012, a viabilização de um acordo de cooperação internacional entre o programa de pós-graduação e política social da Ufes e a faculdade de economia da Universidade de Havana, desdobrado posteriormente em um projeto de cooperação internacional voltado ao estudo dos sistemas de proteção social na América Latina.

O estreitamento de laços ao longo dos anos com pesquisadores cubanos culminou, a partir de 2012, na incorporação sistemática de estudos sobre o

processo revolucionário cubano ao grupo de pesquisa “Estudos críticos do desenvolvimento”. Esse movimento possibilitou avanços significativos na compreensão da complexidade dos processos de transição socialista.

Na análise dos autores, a compreensão do papel do dinheiro, do mercado e da lei do valor na experiência cubana, por parte de Nakatani e seus companheiros de pesquisa, resultou em reflexões sobre a planificação e a dolarização com dupla moeda, de modo a perpassar todos os grandes desafios da transição na Ilha.

As pesquisas sobre Cuba também resultam em conclusões propositivas, entre as quais se destaca o entendimento de que o eixo orientador da transição socialista deve ser a busca por uma produção progressivamente mais social e coletivizada. Tal objetivo pressupõe a construção de relações humanas baseadas em relações sociais diretas e imediatas, sem a mediação do mercado, o que, por sua vez, exige formas de propriedade compatíveis com essa lógica. Percebe-se que, sejam as questões mais abstratas ou mais concretas, Paulo Nakatani não se furta ao desafio de compreendê-las criticamente e se distingue pela generosidade no compartilhamento de seus saberes. Consolida-se, assim, como um autêntico crítico da economia política na periferia do capitalismo.

No texto intitulado “Crise do capital e crise da reprodução social”, Livia de Cássia Godoi Moraes propõe articular o entendimento de financeirização desenvolvido por Paulo Nakatani e pela chamada Escola de Vitória com a teoria da reprodução social. Segundo a autora, as interpretações da financeirização formuladas por Paulo Nakatani evidenciam, como já mencionado, a centralidade das categorias do capital portador de juros e do capital fictício, entendido este, por esses autores, como uma forma do capital portador de juros. A partir dessa perspectiva, Livia Moraes destaca um aspecto fundamental do capital fictício: sua expansão crescente exige a apropriação futura de valor e mais-valor ainda não produzidos, comprometendo, assim, uma promessa de trabalho futuro compatível com aquilo que deverá ser apropriado.

É nessa condição histórica do capitalismo que a autora desenvolve sua análise do que denomina crise da reprodução social. Partindo do entendimento da crise estrutural do capital elaborado por István Mészáros, Livia Morais sustenta que a reprodução social da força de trabalho encontra-se cada vez mais constrangida pelas exigências do capitalismo contemporâneo. Esse processo se torna ainda mais severo quando observado a partir das relações de gênero, uma vez que as mulheres são desproporcionalmente afetadas pelas sobrecargas do trabalho reprodutivo e pela precarização das condições de vida. A conclusão da autora é, portanto, que a crise da reprodução social constitui uma dimensão indissociável da crise do capital, revelando como a lógica da financeirização aprofunda desigualdades estruturais e compromete a própria reprodução social.

Camilla dos Santos Nogueira e Pollyanna Paganoto Moura contribuíram com o livro por meio do texto intitulado “A formação dos (das) economistas e a economia política no Brasil: contribuições do professor Paulo Nakatani na Ange e na SEP”. Nesse texto, as autoras relatam a formação da Associação Nacional de Cursos de Graduação em Ciências Econômicas (Ange) e da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP), bem como a participação de Paulo Nakatani em ambas as instituições. Dessa maneira, destacam que Paulo Nakatani contribuiu para a consolidação dessas entidades e atuou em diversos cargos em cada uma delas, buscando assegurar que seu objetivo central fosse efetivado: a construção de um espaço no qual o conhecimento, sobretudo a perspectiva da teoria crítica, pudesse ser difundido.

No último texto do livro, Maria Lúcia T. Garcia e Vania Maria Manfroi assinam “Ao camarada Paulo Nakatani, com carinho”. O objetivo das autoras é retratar algumas memórias relacionadas à Paulo Nakatani ao longo de quase trinta anos. Destaca-se a forma como articulam essas memórias, mobilizando a teoria da camaradagem de Jodi Dean (2021) para expressar as características de Paulo Nakatani.

A partir dessa abordagem, Maria Lúcia Garcia e Vania Maria Manfroi identificam em Paulo Nakatani a materialização do conceito de camarada, algo

que se torna evidente ao longo do texto por meio de diferentes exemplos. No que se refere à certeza de estar ao lado de Nakatani em uma luta política comum, as autoras lembram de quando Paulo Nakatani foi candidato à vice-direção do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Ufes em 2004. Quanto à disciplina no trabalho, lembraram-se de um episódio em que enviaram um e-mail às quatro horas da manhã a Paulo Nakatani, informando a urgência da submissão de um projeto de pesquisa ao programa de pós-graduação. Quinze minutos depois, Paulo responde e passou a trabalhar conjuntamente na elaboração do projeto, mantendo-se dedicado à tarefa até sua conclusão, algumas horas mais tarde. Ao mesmo tempo são rememorados momentos de alegria, como uma viagem a Paris, ocasião em que Paulo Nakatani percorreu a cidade com o grupo de amigos, transformando o dia em uma celebração.

Após a leitura do livro, deparamo-nos com o intelectual Paulo Nakatani, que manteve o compromisso de compreender de forma profunda a sociedade em que vive, e o professor Paulo Nakatani, o que acaba por incentivar jovens professores e pesquisadores, com tantos anos dedicados à docência e às lutas coletivas.

Referências

CARCANHOLO, Reinaldo Antonio; NAKATANI, Paulo. O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização. *Ensaios FEE*, Porto Alegre, v.20, n.º 1, p. 264 – 304, jun.1999.

CARCANHOLO, Reinaldo Antonio; SABADINI, Mauricio de S. Capital fictício e lucros fictícios. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, Rio de Janeiro, n.º 24, p. 41-65, jun. 2009.

DEAN, Jodi. *Camarada: um ensaio sobre o pertencimento político*. Tradução de Arthur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2021.